

Khaled Hosseini

autor de **O caçador de pipas**

# A cidade do sol

*A Thousand Splendid Suns*



# **A cidade do sol**

Khaled Hosseini

## UM

Mariam tinha cinco anos quando ouviu pela primeira vez a palavra *harami*.

Foi numa quinta-feira. Não poderia ter sido em outro dia, porque ela se lembrava de estar inquieta e preocupada, e só ficava assim às quintas-feiras, quando Jalil vinha visitá-la na *kolba* onde morava. Para passar o tempo, até a hora em que finalmente o veria, atravessando a grama da clareira, que lhe batia nos joelhos, e acenando para ela, Mariam desceu da prateleira o serviço de porcelana chinesa de Nana. Esse serviço de chá era a única relíquia que sua mãe tinha herdado de sua avó, que morreu quando Nana tinha dois anos de idade. Ela adorava cada uma daquelas peças de porcelana azul e branca: a curva graciosa do bico do bule, os pássaros e os crisântemos pintados à mão, o dragão do açucareiro, destinado a espantar os maus espíritos.

Foi esta última peça que escapuliu das mãos da menina e se espatifou no chão da *kolba*.

Quando Nana viu o açucareiro, seu rosto ficou vermelho, o lábio superior começou a tremer, e seus olhos, tanto o vesgo quanto o bom, se detiveram em Mariam de um jeito inexpressivo, sem sequer piscar. A mãe parecia tão furiosa que Mariam teve medo de que um *jinn* fosse se apoderar de seu corpo novamente. Mas o gênio não veio, não dessa vez. O que aconteceu foi que Nana agarrou Mariam pelos pulsos, puxou-a para bem perto de si e disse, entre dentes:

— Você é uma *harami* desastrada. Vejam só a minha recompensa por tudo o que tive de agüentar: uma *harami* desastrada, que quebra a louça de família.

Na hora, Mariam não entendeu nada. Não conhecia aquela palavra, *harami*, e não sabia que significava bastarda. Tampouco tinha idade suficiente para avaliar aquela injustiça, para ver que a culpa é dos que criam os *haramis*, e não dessas crianças cujo único pecado foi ter nascido. É claro que, pelo jeito como Nana disse aquela palavra, a menina deduziu que ser *harami* era uma coisa ruim, repugnante, como um inseto, como aquelas baratas que a mãe estava sempre maldizendo e varrendo para fora da *kolba*.

Tempos depois, já mais velha, entendeu enfim. Foi o jeito como Nana pronunciou a palavra — quase como se a cuspiu na sua cara — que fez com que Mariam se sentisse atingida por ela. Então entendeu o que a mãe estava querendo dizer, que um *harami* era algo indesejável, que ela, Mariam, era um ser ilegítimo que nunca teria condições de exigir o que as outras pessoas possuíam, como amor, família, aceitação ou mesmo um lar.

Jalil nunca a chamava assim. Dizia que ela era a sua florzinha. Gostava de pegá-la no colo e lhe contar histórias, como daquela vez que lhe contou que Herat, a cidade onde Mariam nasceu em 1959, foi o berço da cultura persa, onde viviam escritores, pintores e sufis.

— Era impossível esticar a perna sem dar um chute no traseiro de um poeta — disse ele, rindo.

Jalil lhe contou também a história da rainha Gauhar Shad, que, no século XV, mandou erguer os célebres minaretes da cidade como uma ode de amor a Herat. Ele descreveu os trigais verdejantes que a cercavam, os seus pomares, os seus vinhedos carregados de frutos, os seus bazares abobadados e repletos de gente.

— Há um pé de pistache, Mariam jo — disse-lhe um dia Jalil —, debaixo do qual está enterrado ninguém menos que o grande poeta Jami. — Inclinou-se para frente e sussurrou: — Jami viveu há cerca de quinhentos anos. É verdade. Levei você até lá uma vez, para ver a árvore. Você era bem pequena. Não deve se lembrar.

Ele tinha razão. Mariam não se lembrava disso. E, embora tenha passado os primeiros quinze anos de sua vida nos arredores de Herat, nunca viu essa célebre árvore. Nunca viu os famosos minaretes de perto, nunca colheu frutos dos pomares da cidade ou passeou pelos seus campos de trigo. Mas sempre que Jalil contava aquelas histórias, Mariam o ouvia, encantada.

Admirava Jalil pelo tanto que conhecia do mundo. Estremecia de orgulho por ter um pai que sabia tantas coisas.

— Quantas mentiras! — exclamava Nana depois que Jalil tinha ido embora. — Um homem rico e mentiroso, é isso que ele é! Nunca levou você para ver árvore nenhuma. E não se deixe seduzir. O seu adorado paizinho nos traiu. Ele nos expulsou, nos botou para fora da sua bela casa como se não valêssemos nada. E fez isso feliz e contente.

Mariam só ficava ouvindo, sem nenhuma convicção. Nunca teve coragem de dizer a Nana que não gostava nada, nada de vê-la falar assim de Jalil. Na verdade, perto dele, não se sentia uma *harami*. Toda quinta-feira, por uma ou duas horas, quando Jalil vinha vê-la, todo sorrisos e cheio de presentes e carinhos, Mariam se sentia digna das belezas e das coisas boas que a vida tinha para oferecer. E, por isso, amava Jalil.